

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAROLINE GLEMBOTZKY BARBOSA

CORPO E ÁGUA:

Um mergulho nas interações do corpo deficiente físico

PORTO ALEGRE- RS

2021

CAROLINE GLEMBOTZKY BARBOSA

CORPO E ÁGUA:

Um mergulho nas interações do corpo deficiente físico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva

Artigo produzido de acordo com as regras do periódico Sobama- Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada

**PORTO ALEGRE- RS
2021**

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Caroline
CORPO E ÁGUA: Um mergulho nas interações do corpo
deficiente físico / Caroline Barbosa. -- 2021.
26 f.
Orientador: Andre Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Educação Física,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Corpo deficiente físico - agua . 2. Liberdade de
movimentos . 3. Liberdade de materiais . 4. Papel
socializador . I. Silva, Andre, orient. II. Título.

CAROLINE GLEMBOTZKY BARBOSA

CORPO E ÁGUA:

Um mergulho nas interações do corpo deficiente físico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Aline Miranda Strapasson

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CORPO E ÁGUA:

Um mergulho nas interações do corpo deficiente físico

BODY AND WATER: A dive in the interactions of the physically handicapped body

Caroline Glembotzky Barbosa

Andre Luiz dos Santos Silva

RESUMO

O presente estudo consiste em compreender os sentidos que são construídos na relação do corpo deficiente físico com a água. Devido às propriedades do meio, todos os movimentos executados no meio líquido são percebidos pelos sujeitos de modo diverso ao meio terrestre, possibilitam novos sentidos e significados vivenciados por esses corpos. A pesquisa contou com a participação de sete (7) nadadores atletas, seis (6) deficientes físicos e um (1) deficiente visual, de ambos os sexos, de um clube de Porto Alegre, todos eles vinculados à mesma equipe de natação. Como estratégia de produção dos dados optou-se pela entrevista semi estruturada, a fim de garantir um diálogo mais flexível entre o pesquisador e o depoente. Depois de transcritas as entrevistas, os depoimentos foram analisados a partir dos pressupostos da “análise temática” onde foi descrito e interpretado os depoimentos. Por meio da realização deste trabalho notou-se uma rede de temas que transitam sobre as manifestações de ser e de estar desses sujeitos ao se descolarem na água. A partir dessa condição, os sujeitos relatam diferentes sensações e emoções relacionadas à sua maior liberdade de movimentos decorridos pelas características do meio. Logo, a água emerge como um vetor importante na construção de novas possibilidades de vivenciar, de estar diante de sua corporeidade, o corpo encontra-se livre para deslocar-se longe de amarras ou de qualquer material. Além do mais, as relações estabelecidas nesta equipe acionam uma movimentação entre os corpos, que despertam noções de coletividade e pertencimento, o qual colaboram para a positivação de suas experiências com meio e na construção de suas identidades. Este cenário cria problematizações importantes para a construção e desconstrução das gramáticas corporais produzidas socialmente.

Palavras-chave: Deficiência física. Corpo- água. Liberdade de movimento. Atividade Motora Adaptada.

ABSTRACT

The present study consists of understanding the meanings that are built in the relationship between the physically disabled body and water. Attributed to the properties of the environment, all movements obtained in the liquid environment are perceived by the subjects differently from the terrestrial environment, enabling new senses and meanings experienced by these bodies. The research had the participation of seven (7) athlete swimmers, six (6) physically disabled and one (1) visually impaired, of both sexes, from a club in Porto Alegre,

all of them linked to the same swimming team. As a data production strategy, the semi-structured interview was chosen, a protective aim and a more flexible dialogue between the researcher and the interviewee. After being transcribed as declared, the statements were pushed from the assumptions of the “thematic analysis” where the statements were described and interpreted. Through the realization of this work, a network of themes was noticed that transit over the manifestations of being and being subject to taking off in the water. From this condition, the subjects report different sensations and emotions related to their greater freedom of movement due to the characteristics of the environment. Therefore, water emerges as an important vector in the construction of new possibilities of experiencing, of being in front of its corporeality, the body is free to move away from moorings or any material. Furthermore, the relationships based on this team trigger a movement between bodies, which arouse notions of collectivity and belonging, which contribute to the positivization of their experiences with the environment and in the construction of their identities. This scenario creates important problematizations for the construction and deconstruction of socially produced corporeal grammars.

Keywords: Physical disability. Body-water. Freedom of movement. Adapted Motor Activity.

1 INTRODUÇÃO

Se o ato de nadar é uma prática milenar, é necessário reconstruir a história que permeia a natação para assim compreender sua relação com a humanidade. A história da natação se inicia nos tempos mais remotos, uma vez que se tornou uma qualidade física imprescindível para a sobrevivência dos sujeitos, seja na busca por alimentos ou na fuga de um perigo em terra. De fato, sabe-se que os povos da Antiguidade eram grandes nadadores: registros mostram que no Antigo Egito, em 3000 a.C., os filhos dos nobres aprendiam a nadar desde cedo (FÉLIX, 2015).

Dessa forma, é possível afirmar que a história da natação é um componente marcante na transição histórica da relação do homem com a água. Além de tornar-se uma importante ferramenta para sua sobrevivência possibilitou criar novos sentidos e significados na ordem social. Essa forma de locomoção em um meio distinto, do qual a humanidade não estava habituada, torna-se palco de novas sensações e compreensões sobre as experiências vividas por estes corpos. Ao longo do tempo, estes novos entendimentos foram se transpassando, e inter-relacionando com as redes culturais.

Diante da grandiosidade dos sentidos e de suas manifestações culturais, a natação apresenta uma vasta literatura relacionada à compreensão do seu significado. Apesar de ser, recorrentemente, associada a um conjunto de habilidades motoras que possibilitam o deslocamento no meio aquático, Fernandes e Costa (2006) compreendem a natação como um local de novas experiências corporais, transformando-o em um espaço de emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com o ambiente.

Neste cenário, a natação e a sua relação com o corpo são inseridas nos mais diversos contextos, tendo sua história marcada e determinada por diferentes imposições culturais e sociais. Em cada período da história o corpo foi invadido por valores, por leis e costumes referentes às sociedades que ele pertenceu (GOELLNER, 2012). Segundo Novaes (2006), materialidade de cada corpo assume as marcas dos discursos das práticas sociais e outras tantas construções que circularam e circulam na cultura. Esta situação torna-se visível na medida em que essas construções passam a ditar e conferir lugares a partir de suas fisicalidades.

Isso posto, a relação corpo e água desenvolveu-se sob influência desses valores, logo, corpos que não se enquadram aos padrões estéticos e funcionais, tiveram sua entrada tardia na modalidade. Assim, torna-se necessário pensar, a qual grupo era destinado essa forma de locomoção, ou qual corpo seria o mais propício a vivenciar essas experiências corporais. (BURKHARD; ESCOBAR, 1985)

De acordo com Novaes (2006), os deficientes, se deparam com uma questão social, que Souza (1994) refere como fatores de ordem estética e cultural, sendo esses caracterizados como improdutivos, desvalorizados e marginalizados, sobrevivendo por isso às sombras da sociedade (NOVAES, 2006, p.61). A partir deste panorama, o esporte adaptado surge como espaço de colocar em contradição estes estigmas. E esta adesão às práticas destinadas aos deficientes possibilitou o surgimento de novos significados sobre estes corpos e sobre a sua relação com estas práticas.

Apesar do esporte adaptado abranger diversas modalidades nota-se diferenças entre práticas desenvolvidas no meio aquático e terrestre. Assim diferentes modalidades demandam diferentes aspectos técnicos e instrumentos para sua viabilidade como prática esportiva. Junto a todo aparato técnico/instrumental, o corpo passa a ser inundado pela produção de novas relações consigo e com o meio em que se situa. Diante disso, comecei a me perguntar como seria conquistar o meio o aquático sem a presença de braços ou pernas. Como seria se deslocar longe de quaisquer tecnologias, e quais seriam as sensações a partir dessa nova possibilidade de se locomover? Quais as sensações e sentimentos surgem quando se está na água? A partir dessas questões iniciais, este estudo objetiva compreender os sentidos que são construídos a partir da relação do corpo deficiente físico com a água

2 CORPO DEFICIENTE: potencialidades de ser e de estar diante de sua corporeidade

Diante da corporeidade, um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno. Desse modo, compreende-se o corpo como um espelho da cultura e da sociedade que o compõem, onde é construído e moldado ao longo do tempo, tornando-o um reflexo daquilo que existe ou já existiu. Esse cenário propicia uma série de manifestações socioculturais, que circulam e atravessam as relações vigentes entre os corpos. Como resultado dessa rede de interações origina-se um sistema que classifica, minimiza, e inferioriza corpos subjugados como desviantes. Cria-se então, um sistema estruturado, hierárquico, o qual corrobora com a construção e o reforço dos valores e das configurações sociais, conferindo e limitando lugares a determinados corpos, dentre eles, os deficientes.

Historicamente, o discurso estético, biológico e funcionalista tem proferido um conjunto de opressões acerca do corpo deficiente, concepções que têm os significados como inferiores e incapazes. A ciência no século XIX foi peça importante para a construção de muitas classificações no qual legitimam uma educação do corpo visando torná-lo útil e produtivo. Neste período despontam algumas teorias pautadas no discurso científico que segundo Goellner são reflexões importantes para compreendermos a conjuntura do corpo contemporâneo, “ [...] porque é aqui que se criaram e consolidaram algumas representações que ainda hoje marcam nossos corpos, com maior ou menor intensidade.” (GOELLNER, 2012, p.32)¹.

Sendo assim, estas representações operam sobre o corpo, lugares e valores, onde passam a serem conduzidos e manipulados a seguir mesmo que indiretamente, estas opressões. Ações estas, a que Foucault (1997) denomina de mecânica do poder. Esse sistema define-se como o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que “ façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determinam, as quais historicamente impõem sobre o corpo da pessoa deficiente seu valor” (FOUCAULT, 1997, p.127).

A presença de pessoas com deficiência na cena contemporânea traçou novas perspectivas sobre estes corpos. Mudanças essas capazes de contrapor os conceitos biomédicos e funcionalistas desenvolvidos e evidenciados entre os séculos XVIII e XIX. Esse movimento acontece no momento em que novas oportunidades são expostas, na relação do

¹ Apesar da recorrência dos preconceitos e a exclusão dos deficientes, após a II Guerra Mundial aconteceram algumas mudanças positivas e significativas neste período. Segundo, Rechineli et al (2008) é neste momento da história, em que se iniciam em hospitais, programas de reabilitação dirigidos aos lesionados das Guerras. Neste mesmo contexto, o esporte adaptado surge como uma das principais formas que objetivou a inserção destes indivíduos na sociedade. Ainda que a gênese do esporte adaptado tenha passado pela contemplação de diferentes momentos históricos, e seja visualizado em diferentes locais, Gaio (2006) acredita que o período de reabilitação destes combatentes como grandes marcam para seu surgimento.

corpo deficiente e sua corporeidade. A partir dessa relação, o esporte surge como mola propulsora para tal transformação. Deste modo, Camargo e Kessler (2017) a esse respeito situam que a “presença de corpos dissonantes nas arenas esportivas possui uma eficácia simbólica e capaz de repensar [...]” toda uma estrutura fomentada por discursos de poder, que regulamentam o que é ou não permitido nos espaços do esporte. (CAMARGO; KESSLER, 2017, p. 205).

Com o adjunto da tecnologia isso se tornou ainda mais notório, pois a partir dessa relação surge um corpo híbrido, permeado pela tecnologia, que garantem a este corpo explorar novas possibilidades de pensar/agir e sentir. Embora, as tecnologias quando acompanhadas da busca por transcender sua natureza passam a exprimir sentidos e significados a estes corpos deficientes, que mantêm resquícios dos discursos funcionalistas. Em frente a essas problematizações, esses procedimentos segundo Camargo e Kessler (2017) postulam um jogo perigoso entre saber-poder, que nos induz a pensar que corpos dissonantes são vistos ainda como corpos que precisam ser “consertados” “readequados” para se realocarem no “padrão de excelência” dos corpos normativos” (CAMARGO; KESSLER 2017, p.194). Assim, aliado aos estigmas históricos de um corpo com deficiência, soma-se o nascente estranhamento do homem que se funde com o artificial, mas também daquele que apresenta outras configurações físicas.

Diante da ótica da cultura corporal, o corpo deficiente no esporte adaptado, ainda que seja palco de representações e de relações de poder, a sua inserção e ocupação neste espaço refletem sobre uma nova identidade deste indivíduo. Observa-se a tecnologia e o alto rendimento como elementos importantes da modernidade, embora seja apenas uma das formas de evidenciar as possibilidades de ser e de existir dentro do esporte adaptado².

3 METODOLOGIA

Ao buscar descrever e interpretar os fenômenos acerca da relação entre o corpo deficiente e a água, este artigo adotou o paradigma qualitativo de investigação. Como estratégia de produção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturadas. Foram ouvidos

² Na circunstância atual, os domínios das tecnologias permitiram a esses sujeitos novas formas de se relacionar com o meio terrestre, afetando principalmente o seu modo de deslocar se e de realizar outras atividades, sejam elas rotineiras ou dentro do contexto do esporte. Contudo, a natação se difere pois neste ambiente o sujeito não necessita de nenhuma tecnologia assistiva, assim, este corpo quando desloca se na água não utiliza se de nenhum tipo de órtese, prótese ou outro implemento, Desse modo, essa condição exerce um papel importante na construção e na problematização de novas óticas sobre a relação que esses recursos desempenham no corpo deficiente físico

- A fim de preservar a identidade dos colaboradores foi dado nomes fictícios para cada um.

sete (7) nadadores paralímpicos, entre eles; três (3) mulheres e quatro (4) homens. Sendo seis (6) deficientes físicos e um (1) deficiente visual pertencentes a um clube esportivo de Porto Alegre.

Quadro 1- Caracterização dos atletas entrevistados.

ATLETA	TIPO DE DEFICIÊNCIA	CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Martina	Deficiência física	S10
Miguel	Deficiência física	S7
Fernanda	Deficiência física	S6
Joana	Deficiência física	S10
Israel	Deficiência física	S9
Leandro	Deficiência física	S10
Felipe	Deficiência visual	S11

Fonte: elaboração própria.

A seleção dos atletas ocorreu por conveniência, em que a escolha de cada sujeito ocorreu por intermédio de um dos técnicos da equipe. Para a escolha dos sujeitos não houve uma preocupação sobre restringir ou qualificar a uma única classificação funcional dentre as deficiências físicas. Contudo, a fim de atender os objetivos da pesquisa, a escolha dos participantes seguiu os seguintes critérios de inclusão: ser deficiente físico, ser praticante de natação e possuir ferramentas tecnológicas (computadores, celulares) que permitissem interações virtuais para a realização das entrevistas.

As entrevistas ocorreram individualmente, por meio de encontros virtuais realizados informalmente pelas plataformas google meet, onde foi aplicado uma série de questões, divididas em três eixos centrais. O primeiro eixo refere-se à identificação de cada indivíduo, em que foi indagado sobre a caracterização da deficiência, referente ao tipo, à causa, se precisa de algum auxílio para a locomoção. O segundo eixo foram perguntas voltadas às relações de seus corpos com a natação e como o meio aquático se faz presente no despertar de sensações e emoções. Por fim, o último eixo reservou-se em dar espaço para os depoentes acrescentarem quaisquer informações que considerassem relevantes ao estudo.

Em cada entrevista buscou seguir uma mesma sequência, em que inicialmente foi explicado aos depoentes o contexto da entrevista, para depois abordar o tema em questão. Após cada sessão, foi pedido a autorização do sujeito para utilizarmos seu discurso em posterior análise na pesquisa. A fim de facilitar a produção e posteriormente a análise do material, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A partir dos depoimentos produzidos e transcritos, optou-se em analisá-los através dos procedimentos da análise temática que busca identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (Clarke e Brauin ,2006). Com a finalidade de entender os objetivos propostos inicialmente destacaram se três temáticas centrais, no qual foram protagonizadas pelos relatos dos sujeitos, onde cada uma delas, apesar de terem reflexões próprias, relaciona-se diferentemente uma com a outra.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando um corpo se encontra imerso a um meio, ele afeta e é afetado. Portanto na relação do corpo com a água são constituídos símbolos e significados. Logo, para discutirmos sobre o que pode ser, o que pode gerar e o que pode ser criado por meio dessa relação muitos fatores devem ser considerados para não cairmos apenas na fisicalidade do corpo. Neste sentido, as análises que seguem centram-se em uma complexa camada de dimensões que são externas ao próprio corpo físico, constituídas pelas conexões de troca com o ambiente e de relações estabelecidas com o mundo.

4.1 Liberdades de movimento

Nesta primeira temática estaremos tratando da relação do sujeito ao se deslocar na água, no qual apresentou se inicialmente banhada por discursos alicerçados na liberdade. Através do processo investigativo encontramos relatos capazes de expressar algo que é imaterial e tão subjetivo, em um produto concreto, trazendo as potencialidades e possibilidades de reflexões presentes nesses corpos e em sua liberdade. Para isso, foi preciso pensar: o que é liberdade? Que relações são possíveis destes corpos com água no viés da liberdade? E como se constrói essa relação a partir do movimento?

De acordo com Trebels (1998), o movimento é carregado de significados e é essa necessidade de mover que garante a vida e permite a expressão da corporeidade. Assim, a partir da relação e interação dos sujeitos com a água, emoções e sensações são percebidas nos relatos a partir de sua movimentação. Para Susanne Langer, o movimento se torna uma forma simbólica livre, que pode ser usada para transmitir ideias de emoção, consciência e pressentimento, ou pode ser combinada a outros gestos virtuais, a fim de expressar outras tensões físicas e mentais” (2011, p. 63).

Para dar respaldo à importância do movimento para compreensão da liberdade presente nas relações dos depoentes com água, atravessamos discussões discorridas acerca do movimento – liberdade, como categorias congruentes e inerentes no comportamento social humano. A vista disso, Hobbes, importante filósofo moderno, discorre em uma de suas obras sobre a associação da própria existência do corpo ao movimento, a tal ponto de só conseguirmos perceber um determinado corpo quando este estiver em movimento, sendo o movimento do corpo uma condição fundamental para se entender a liberdade humana. Segundo o filósofo, a liberdade é puramente corpórea e aplicada a todo corpo vivo desde que esteja em movimento. Para tal, a liberdade é mais do que uma “ reflexão da própria liberdade – alusão ao livre-arbítrio – a liberdade é a ação própria do corpo de movimentar sem entrave externo à sua ação” (MACHADO, 2011, p. 133). Por essa razão, a definição hobbesiana, vai de encontro aos relatos dos sujeitos, pois ao relacionarem com água, os depoentes passam a estabelecer novas potencialidades de ser, e através dessas novas possibilidades de se movimentar, longe de entraves, são desencadeados sentimentos e sensações que atravessam a liberdade.

Nessa perspectiva, pensar a relação dos depoentes com a água se torna, antes de tudo, é um exercício de liberdade, uma vez que as singularidades do meio aquático permitem a este corpo uma nova forma de se estar e uma vasta possibilidade de movimentos vivenciada unicamente neste meio. Diante desta relação, é possível tornar algo tão subjetivo quanto a liberdade, em algo palpável e concreto, externalizado no próprio movimento destes corpos.

Eu utilizo uma prótese pra me locomover e fazer as minhas atividades e na água é o momento que não uso. E a gente treina sem a prótese. Então isso desde o primeiro dia foi muito bom porque a prótese me ajuda muito pra muitas coisas, mas não é a mesma coisa que o corpo né? Então tem um pouco de, assim, fica um pouco mais travado, alguns movimentos e já na água sem a prótese eu consigo fazer. Ficar mais livre. Me faz sentir mais livre. E isso é uma coisa boa. Desde o início gostei bastante (Martina)

Diferente do meio terrestre, a água reserva suas particularidades que permitem a estes corpos construir e vivenciar novas possibilidades de movimento. O corpo que outrora era rígido torna-se fluido. Assim, a compreensão da movimentação do corpo na água sob a perspectiva dos sujeitos envolvidos, propõe valorizar as diferentes potencialidades criadas a partir das características físicas. Na medida em que este corpo cria novas relações, não somente com o meio, mas sobre tudo que está em sua volta, novas possibilidades de compreender e vivenciar a liberdade são descobertas. Sendo esta liberdade expressa, muitas

vezes, pela experimentação de diferentes amplitudes de movimento, onde a leveza e a fluidez do corpo são componentes, recorrentemente, destacados nos relatos dos sujeitos.

Me sinto mais livre, também. Eu gosto disso porque [tu] consegue se movimentar mais, tu sentes que tu consegues mexer mais a perna. No meu caso a prótese não dobra né? Daí sem ela eu consigo. É um alívio melhor sim. (Miguel)

Tipo eu não mexo a perna, eu faço exercício em casa, mas em outros lugares minha perna fica dura. Ai na água minha perna mexe e eu não fico tão parada. Em casa minha perna já é mais travada, tipo eu consigo levantar, mas eu arrasto a perna. E quando eu tô na água, eu consigo, não é bem dobrar, mas é, dobrar muito bem ela e consigo relaxar a perna. (Fernanda)

Estas interações dos sujeitos com a água expressa o potencial de infinitas representações e libertação dos limites do corpo, onde ao se encontrar em movimento no meio líquido, vivências que antes eram restringidas a um tipo de corpo, na água tornam-se possíveis. Haja vista que a diversidade de corpos presentes na pesquisa nos levou a considerar que diferentes deficiências físicas produziram diferentes significados sobre liberdade e dos corpos no meio líquido Cabe ressaltar, que a nomenclatura “deficiência física” apesar de ser usada universalmente para representar certos padrões corporais, dentro dessa classificação encontramos distintas variações de um ou mais segmentos do corpo humano, que conseqüentemente resultam em diferentes formas de movimento e liberdade. Esta reflexão é postulada na medida em que encontramos diferenças entre os corpos sob a uma ótica da própria fisicalidade e funcionalidade que cada sujeito apresenta. Trataremos aqui de dois depoentes, ambos deficientes físicos, mas que sinalizam relações distanciadas com a água. De acordo com Miguel “É bem tranquilo, consigo me adaptar, andar, correr e na água também. Na água é diferente porque eu puxo mais peso com o braço”.

Este primeiro nos conta que devido ao seu encurtamento do membro superior, ao se descolar no meio aquático seu corpo necessita fazer mais força. Esta fala é contemplada a partir das propriedades físicas na água, onde o deslocamento nesse meio é realizado no plano horizontal e principalmente pela ação dos membros superiores. Assim, devido ao atleta ter este braço reduzido, o gesto técnico deve ser adaptado, dando a impressão de estar realizando um esforço maior no meio líquido do que no meio terrestre.

Diferente da primeira situação, o segundo sujeito, possui mobilidade de movimento reduzida de umas das pernas, por sua vez, isso dificulta seu deslocamento no meio terrestre e quando se encontra imerso na água, o que antes era uma limitação, na água se torna possível.

O que eu sinto essa liberdade, é na hora de fazer a batida de perna né, como eu não essa amplitude, e ela é só de 20° eu sinto menos, como eu posso te dizer. Quando eu preciso caminhar eu precisaria de no mínimo uns 45° pra ter uma caminhada normal e como eu só tenho 20 eu tenho que arrastar a perna. E na água, eu ainda sinto quando eu bato as pernas, mas eu sinto bem menos essa... Que eu to arrastando, a limitação, entendeu? Eu sinto bem menos (Leandro)

Essas distinções tornou-se ainda mais evidente ao entrarmos em contato com outras deficiências, mais especificamente a deficiência visual. Sendo este um momento marcante na pesquisa, em que pudemos ampliar o olhar sobre esta relação corpo- água e traçar pequenas pistas do modo como cada padrão corporal, mais especificamente o tipo de deficiência, influencia na relação desses sujeitos com a água. Rodeado por diferentes referências corporais, o atleta deficiente visual, nos permite vislumbrar novas relações possíveis com o meio aquático. Para este sujeito em específico, estar na água sem o apoio de tecnologias assistivas (bengala) se constitui como um problema:

No meio aquático, é um pouco mais complicado. Na natação, não tenho como bengalar e saber onde estou. Eu tenho que ir por todos meus sentidos, eu tenho que ir pela minha posição do corpo. Se eu for muito pra direita eu posso bater, se eu for muito pra esquerda vou bater, também. Então preciso ir reto. Fazer a mesma força nos dois braços, não pode deixar o braço cair pra direita, não pode deixar o braço cair pra esquerda. Se não tudo isso influencia. Tipo, se eu faço uma virada e sai em curva pra direita eu vou bater na direita. Então isso é bem mais complicado. (Felipe)

De acordo com Bobath (1978), grande parte dos padrões de movimentos são estabelecidos a partir de uma realidade visual, sendo a visão um sentido importante para o oferecimento de informações e de referências motoras e aqueles que são isentos desse sentido, criam outras estratégias corporais. Notou-se que as relações percebidas pelo sujeito com deficiência visual com a água se desenvolvem através de outros sentidos. Diferente dos depoentes deficientes físicos, as limitações físicas da piscina (raia, borda), o alinhamento e a posição do corpo são componentes importantes para compreender essas distinções entre as deficiências destacadas.

Isto nos mostra que cada corpo reserva diferenças visíveis nas suas relações com a água, traduzidos em significados próprios que flutuam sob suas diferentes composições corporais. De tudo isso, foi possível perceber que esses corpos se tornam livres, na medida em que não são impedidos de fazer o que desejam fazer. No meio líquido a ação do corpo deficiente parece reduzir o peso da limitação e dos estigmas sociais a que são submetidos cotidianamente.

Apesar de existirem novos recursos tecnológicos que possibilitam minimizar essas limitações corporais no meio terrestre, a água ainda se difere e se mostra como um espaço de libertação e criação de nossas possibilidades. A vista disso, ao refletirmos sobre as interações e significados presentes nas diferenças entre o meio terrestre e o aquático, a hibridização do corpo deficiente deve ser posto em discussão. Logo, pensar a relação entre o corpo e a máquina, entre sujeito e água, é buscar entender de que forma essas novas configurações corporais estabelecem identidades e significados sociais e culturais e como estas relações são reconfiguradas em um meio que esses recursos não se fazem necessários.

4.3. Liberdade de materiais

A tecnologia produz nossa historicidade, transformando as fronteiras do humano, funcionando como mecanismo de mediação entre o homem e a natureza, mas, principalmente, entre o homem, ele mesmo e o seu meio sociocultural. (NOVAES, 2006, p,31). A relação do ser humano com a tecnologia, portanto, traz consigo uma mudança na relação estabelecida entre o corpo e o meio em que situa, os quais servirão para o domínio e a construção de novas possibilidades de ser e de estar.

Conforme Novaes (2006) “ É impossível falar do corpo deficiente, sem mencionar as tecnologias que nele se acoplaram no decorrer da história”. Pois, em meio a um sistema que seleciona, classifica corpos tidos como desviantes estes recursos provocam modificações nesses corpos, a fim de atender e imperar os ideais ou interesses das mecânicas sociais. Neste contexto, as tecnologias, segundo Foucault, configuram-se em um processo de construção sócio-histórica, induzidas pelas relações de poder e saber, em que a deficiência quando vinculada a esses recursos se encontra a fim de atender padrões de normalidade.

Ao debruçarmos na literatura, o avanço tecnológico e a evolução nos métodos de assistência mostram-se como alternativas capazes de garantir aos sujeitos que utilizam alguns desses recursos, desde prótese a cadeira de rodas, melhores condições de saúde e qualidade de vida. No texto “A performance do híbrido: corpo, deficiência e potencialização”, por exemplo, Novaes (2009) sinaliza o processo de transmutar o corpo deficiente ao passo que o mesmo é acoplado a tecnologia. O artigo, nos traz como referência, Oscar Pistorius, um corredor palímpico que ao fundir sua carne ao silício e ao carbono de suas próteses coloca em xeque a natureza humana no sentido de metamorfosear seu corpo com o artificial. O estudo menciona que esta modificação foi importante para traçar novas possibilidades e, “ por conta da biotecnologia, fez nascer um atleta marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia (NOVAES, 2009, p. 170-71). Segundo o autor, cada vez mais a

biotecnologia está visando penetrar a organicidade do corpo, não mais normalizando suas funções, mas sim ampliando, transpondo, potencializando essas funções.

Contudo, ao longo desse processo investigativo, os depoentes nos apresentaram concepções distintas que não vão, necessariamente, de encontro com a bibliografia encontrada. Na situação a seguir, evidencia-se por meio da fala de uma das atletas a sua relação com a sua prótese e suas percepções quanto deficiente ao utilizá-la.

Pra treino e competição realmente não se utiliza, nem é permitido. Mas quando eu to no lazer, tô na praia, eu gosto de ficar sem a prótese, porque ela mais me atrapalha do que me ajuda sabe. E daí na água eu sinto muita liberdade porque eu posso. Assim acho muito máximo as nem é a mais top, mas é muito boa e me ajuda em muitas coisas. Mas eu sinto que na água eu não preciso de nada, além do meu corpo pra me deslocar. (Martina)

Posto isso, se faz necessário compreender e discutir os possíveis paradoxos, às potencialidades e aos conflitos da ação destes recursos tecnológicos no corpo deficiente. Tais questionamentos surgem na medida em que a liberdade vivenciada pelos sujeitos se produz justamente pela ausência desses recursos, quando se está no meio líquido. Assim, nesta segunda temática são propostas reflexões que expandem ao universo material, pois a partir das vozes de cada um dos depoentes é possível observar que a liberdade não se restringe apenas à relação corpo e movimento, mas contempla também a liberdade de materiais.

Diferente do meio terrestre, quando estes depoentes encontram-se no meio aquático passam a exercer o livre exercício de suas diferenças, pois não dependem de qualquer material para se movimentar. Um meio em que seu corpo não precisa ser ajustado, moldado, ou estipulado, seus corpos tornam-se aquilo que são. Nesta perspectiva, o corpo ciber enquanto uma representação de positividade, potência e performance deve ser questionado e problematizado, afinal de acordo com os depoentes, suas relações com a água construíram outros diálogos, capazes de produzir novas óticas sobre a relação desses corpos com a tecnologia assistiva.

A gente tá livre de alguma coisa. a muleta a gente precisa ficar segurando. E já na água não precisa segurar em nada. (Fernanda) Liberdade, não segurar nada, de fazer o que eu quiser, tipo eu não sei mais. Nadar só, sem nada na mão, sem nada na perna, só o próprio corpo Liberdade, não segurar nada, de fazer o que eu quiser, tipo eu não sei mais. Nadar só, sem nada na mão, sem nada na perna, só o próprio corpo. (Fernanda)

No viés competitivo e de alto rendimento, a busca por melhores resultados, gera um corpo que tem sido subjugado a uma máquina de superação de limites e objetivado para a produtividade e perfeição. No contexto paralímpico, é comum encontrarmos atletas que utilizam auxílio das próteses e de aparelhos para atingir tais resultados. A fusão entre o inorgânico e o biológico possibilita a estes corpos produzirem e alcançarem aquilo que era por muitos julgado como inalcançável. Observa-se que a relação corpo e tecnologia produzem diferentes sentidos corporais, mas quando retratada na literatura restringe-se, em sua maioria, a busca por atender as expectativas da performance esportiva. Diante desta problemática, a permuta deste sentido, só foi possível pois, as reflexões estabelecidas direcionam se a um meio e a uma modalidade que apesar de ser tomada pela tecnologia, vislumbra outras formas como o corpo pode se relacionar com esses recursos.

Isso ocorre, pois segundo Torri (2019) na água é somente o corpo que “ precisa ser escrutinado e a técnica internalizada para que o desempenho aconteça” (TORRI, 2019, p.173). Sem braços, às vezes sem pernas, ainda assim, os depoentes relatam que sentem mais confortáveis em não aglutinar seus corpos a esses recursos.

Me sinto mais livre, como a gente usa um tipo de luva de silicone, que vai no coto né e depois a prótese, a gente acaba se acostumando, mas é muito calor, é muito quente e é desconfortável usar a prótese. A prótese não machuca, mas incomoda. Então quando tira a prótese e ta ali fazendo uma atividade sem o uso da prótese é realmente libertador. (Israel)

Além das razões destacadas acima, à medida que se foi investigando sobre essas relações, percebeu-se que a ausência desses materiais cria novas formas desses sujeitos compreenderem se como indivíduos completos. Por esta razão, compactuamos com a Association of Swimming Therapy (1986), ao sinalizar a água, como um meio em que é possível tornar a separação ou distinção dos corpos menos nítida. Neste sentido, as muletas, as próteses e as cadeiras de rodas são deixadas de lado e flutuamos, no mesmo nível, podendo então desfrutar da igualdade.

Eu acho que no meio aquático as coisas se igualam muito. Vou te exemplificar assim, subir uma escada pra mim é um problema, não bem um problema porque eu subo a escada igual, mas eu preciso subir degrau por degrau. E na piscina eu nado igual uma pessoa sem deficiência, então eu acho que o meio aquático iguala muitas coisas pros deficientes. Na água eu sinto a dificuldade de não ter o outro pé pra bater né, mas não sinto problema (Israel).

É possível observar que o meio aquático fornece a esses atletas diferentes modos de se perceber e perceber a sua corporeidade. Esta relação com a não dependência de um material passa então a ressignificar a liberdade, o qual permite a esses sujeitos o desvelamento de estar com o corpo, de ser um corpo, longe de ajustes e longe de amarras.

Conforme fomos desenvolvendo a pesquisa nos encontramos com este universo, cheio de outros sentidos. O que inicialmente buscava compreender a relação desses sujeitos com a água, aprofundou-se de tal modo, que cada um desses corpos tornou-se locutor dos múltiplos diálogos, que transitam por diversas esferas presente em um corpo. Neste espectro, a relação de cada um deles, era mais que imaginávamos ser, a sua essência transpassa os gestos técnicos, e assim, passamos acreditar que a natação seria capaz de redimensionar todo um sistema de "ser" e de "estar" no mundo. A partir dessa compreensão, se vê o corpo de cada sujeito como emissor e palco das ações de tudo que está ao redor. Assim, um único meio, através de suas relações com o mesmo, mas também as relações nele existentes foram capazes de transformar e ressignificar elementos presentes na própria liberdade de ser. Por esta razão, explorar as interações presentes nesta equipe, poderia indicar como o papel socializador contribui para as relações que esses sujeitos estabelecem com a água.

4.4 Papel socializador

O corpo que interage com água, relaciona-se também com o que está em seu entorno. Sendo assim, em meio às entrevistas, surgiu a necessidade de olhar para um elemento que inicialmente não tinha sido foco na investigação. Apesar de a natação ser um esporte praticado individualmente e o estudo ter como objetivo analisar as relações dos deficientes com água se tornou importante olhar para os modos como essa relação (corpo/água) são atravessadas pelos efeitos das sociabilidades e pelos sentimentos de pertencerem a uma mesma equipe de natação.

Neste cenário, a noção e o entendimento sobre esses deficientes e a água, ampliam-se de tal modo que passamos a entender não somente o ato de movimentar-se no meio líquido, mas também o comportamento e as relações que são criadas naquele ambiente com outros corpos. Por meio dessa temática estaremos colocando em pauta o modo como a socialização e a liberdade se relacionam na experiência do atleta com deficiência física no meio líquido. A água e as relações que nela existem, nos permitem criar um conjunto de ponderações sobre o que é liberdade para estes sujeitos. Diante da pluralidade de sentidos, compreende-se nessa temática, a liberdade como o direito de ser quem é, não somente pelas condições que o meio aquático propicia, mas também pelas relações interpessoais que ali existem.

Segundo Le Breton (2012), o corpo não é mero veículo da pessoa e sim, um universo que denota representações, sentidos e valores, pois é na relação com os outros e o mundo que se vai descobrindo e se constituindo como sujeito. Nesse sentido, a equipe surge como um espaço que traduz a sua própria linguagem, compostos por símbolos e significados importantes para o reconhecimento e acolhimento daqueles indivíduos. Vemos a seguir um dos depoimentos que sinalizam a influência das relações criadas nessa equipe

No início da amputação, por mais que tenha sido uma escolha e tenha melhorado muitas coisas da minha vida, eu queria ser normal, né. Tipo, não ter nenhuma deficiência, não ter nada. E daí ficava meio que revoltada, assim questionando essas coisas. Daí quando comecei na equipe e vi pessoas com deficiências mais, não graves, mais impactantes assim, competindo, viajando, fazendo coisas que eu nem imaginava. Daí eu ficava pensando, nossa e eu não tenho que me revoltar por nada perto disso né, assim, perto dessas coisas. E foi uma coisa meio que, mais reflexiva minha, porque todos se tratam normal, normal é uma palavra meio ruim, mas todos se tratam da mesma forma, não tem nenhuma diferença (Martina).

Ao ouvir os relatos destes sujeitos, foi notável a existência de uma rede de conexões criada através dos treinos, que por sua vez, destacam-se como componentes importantes para a construção de suas identidades. Gonçalves a esse respeito, aponta: que “o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade” (GONÇALVES, 1999, p. 13 a 14). Por este ângulo, nota-se uma sensação de pertencimento, a qual a partir da interação presente nos treinos de natação ultrapassa de tal modo, capaz de intervir na própria percepção de si com o meio no qual está inserido.

Vendo o corpo como meio de comunicação com o universo, o mesmo é inseparável das percepções e sensações extraídas e interpretadas pela mente. Para Merleau-Ponty (1994) as relações interpessoais preenchem vazios do ser no mundo, sendo assim, o homem se constitui como pessoa pela abertura e aproximação com o outro. Diante desta instigante dependência das relações estabelecidas com o próximo, o contato com outras deficiências, poderia ser capaz de ressignificar o que é deficiência, onde segundo Amaral (1994) “ser diferente não é ser melhor ou pior; a diferença/deficiência simplesmente é. De acordo com o relato de Martina, o fato da equipe de natação ser formada por sujeitos deficientes, contribuiu para o seu processo de reconhecimento e aceitação. De modo semelhante, Leandro sinaliza:

Se tu olhar quantas pessoas tão jogando bola, tão fazendo alguma atividade, e quantos deficientes tão ali no meio, muitos poucos. Assim ele vai procurar

o pessoal dele, que daí ele está mais incluído, o pessoal vai entender o lado dele. Via muito a galera da deficiência sendo excluída, ou não procurando fazer as atividades essas coisas assim. Quando eu entrei na natação e comecei a me dar bem (Leandro).

Segundo Ferreira (2008), a percepção que se tem do corpo, vem de uma visão individual e coletiva, produzindo sentido sobre a autoimagem. Desta maneira, quando os depoentes identificam similaridade em outras pessoas da equipe, o mesmo passa a sentir-se mais incluído. Por sua vez, a equipe de natação e o encontro com outros deficientes possibilitam os indivíduos estabelecer e criar sensações e sentimentos ligados ao seu pertencimento a este grupo. E é neste emaranhado de relações, que nos é apresentado a ideia de pedaço, que segundo Magnani (1984), além de ser um local, um endereço, ele corresponde a uma determinada rede de relações sociais. Contudo, não basta estar no pedaço, para de fato, ser deste pedaço. A grande diferença entre "estar" e "ser", transita sob a noção e a sensação de pertencimento, oriunda dos vínculos criados naquele ambiente. Por meio dessa compreensão, aliado aos depoimentos evidenciou-se que entre os nadadores e o clube, este "pedaço" poderia ser encontrado. Um lugar, com seu próprio grau de relações e símbolos, redimensionando todo um sistema de se relacionar consigo e com o meio.

Isso posto, algumas observações merecem, mais uma vez, serem enfatizadas. A primeira delas é como se dá o reconhecimento do eu, a partir da utilização do outro como objeto de comparação. As relações postuladas nesta equipe acionam uma movimentação entre os corpos, a qual produz suas próprias configurações. Por esse intermédio, é possível identificar e descrever um conjunto de pontos localizados nas relações existentes entre os sujeitos. É nesta dimensão sociocultural que, entre outras, permite que esses sujeitos conectem-se à sua individualidade.

Como território de múltiplos significados e transgressões, a natação antes de uma modalidade, neste texto representa um encontro de corpos, cujas marcas têm sido significadas como emblema de improdutivos, desviantes, anormais que transpassam tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, capazes de conduzir determinados tipos de corpos a determinados papéis condizentes com o que se espera socialmente. Entender a relação desses sujeitos com a água faz com que estejamos um passo mais próximos de compreender seus corpos sob um olhar de si mesmos para o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender os sentidos que são construídos na relação do corpo deficiente físico com a água. Para compreender que corpos são esses e que sensações e sentidos são produzidos nesse meio foi necessário atentar às percepções de cada sujeito, buscando possíveis conexões com sensações e experiências vividas pelos colaboradores do estudo. Dessa forma, o processo investigativo sobre as emoções e sensações despertadas pelo movimento corporal, é vista sob uma ótica individual, em que as vivências corporais de cada um possibilitam novos olhares a respeito de si, do corpo deficiente e do ambiente aquático. Neste viés, essa pesquisa apresenta uma versão que não buscou atender números, ou padrões, mas sim permitir que corpos que por tanto tempo tiveram suas potencialidades de ser e de estar tangenciadas e estigmatizadas, agora possam ser retratadas através de suas próprias sensações e percepções.

As reproduções e construções do modo como esses sujeitos que se constituem e se entendem socialmente, tem uma ação direta sobre como os diálogos nessa relação corpo-água são produzidos. Por esse meio, notou-se que as interações entre os sujeitos expressam noções vinculadas à coletividade e ao pertencimento, pois apesar de apresentarem suas singularidades quanto indivíduos, ainda pertencem a configuração social que os legitima dentro de uma mesma ordem social. Deste modo, o encontro de diferentes composições corporais sinalizam o papel que as relações sociais, nomeadas neste trabalho como o papel socializar, tem sob a construção da identidade, sendo a água um vetor que positiva essas vivências.

Nesse contexto, os sujeitos ao se deslocarem no meio aquático sinalizam uma rede de temas sobre as suas manifestações de ser e de estar que atuam diretamente na apropriação de sua liberdade de movimentos, decorridos pelas características do meio. Logo, a água por ser um local que permite a esses corpos maiores possibilidades de movimentos, sem a necessidade de um material para auxiliá-los, permite problematizar e criar novas compreensões sobre as ações da tecnologia desenvolvida para a performance corporal. Assim, a inter-relação entre as temáticas, nos apresentam um cenário ainda a ser investido, pois compreender o corpo, sobretudo aqueles que ainda lutam por seu espaço, demanda de um abdicação das mecânicas sociais, para que assim possamos nos desprender de qualquer estigma.

Mergulhar no universo destes corpos, sobre uma perspectiva de suas próprias vivências, nos possibilitou adentrar em reflexões que sinalizam e criam novos olhares sobre a deficiência. Um olhar sensível construído por um conjunto de referências corporais que positivam suas relações com a água, emaranhadas pelo lazer, liberdade, esporte e tecnologia. Surge então, um espaço que não visa reduzir seus corpos a sua condição funcional, mas que

estimulem a esses corpos experimentarem outras formas de vivenciar, de estar diante de sua corporeidade.

Por fim, essas discussões são capazes de problematizar as noções já conhecidas de corpo, produzindo espaços de emancipação na intersubjetividade que circula através do campo funcional, social e cultural. A construção de novas gramáticas corporais e a desconstrução de outras, em tal magnitude se realiza como emergência de um corpo expressivo enquanto fluido sujeito vivo, que apresenta a sua própria identidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMARAL, L. A. *Pensar a diferença/deficiência*. Brasília, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

ASSOCIATION OF SWENMING THERAPY. *Natação para Deficientes*. São Paulo: Manole, 1986, p. 04.

BRAUN, V., & CLARKE, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

BOBATH, B. *Atividade postural reflexa anormal, causada por lesões cerebrais*. São Paulo: Manole, 1978.

BURKHARDT, R; ESCOBAR, M. O. *Natação Para Portadores de Deficiências*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A, 1985

CAMARGO, Wagner; L KESSLER, Cláudia. *Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, jan./abr. 2017, v. 23, n. 47, p. 191-225

FERREIRA, F.R *A produção de sentidos sobre a imagem do corpo* *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.26, p.471-83, jul./set. 2008.

FERNANDES, Josiane Regina Pejon; DA COSTA, Paula Hentschel Lobo. *Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 20, n. 1, p. 5-14, 2006.

FERNANDES, A P. *A escolarização da pessoa com deficiência nas comunidades ribeirinhas da Amazônia Paraense*. 2015. 280f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2015.

FELIX, J.R. P, (2015). *Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quarto estilos*. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v. 20, n.1, p.5-14, jan./mar.

Poder -corporal, In FOUCAULT, Michel, *Micro física do poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1996

GAIO, R. *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí: Fontoura, 2006.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir - corporeidade e educação*. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

LANGER, Susanne. *Sentimento e Forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012

MACHADO, Evandro. *Liberdade e movimento em Thomas Hobbes*. Biblioteca Universitária UNIOESTE/Campus de Toledo, TOLEDO, p. 1- 142, 2011

MAGNANI, J. G. Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984

MERLEAU-PONTY, M. (1994). *La nature: Cours du Collège de France: Notes, suivi des résumés de cours correspondants*. Paris: Éditions du Seuil

NOVAES VS. *A performance do híbrido: corpo, deficiência e potencialização*. In: Couto ES, Goellner SV, editors. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS; 2009. p. 165---79

NOVAES, V S. *O HÍBRIDO PARAOLÍMPICO: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas*. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do

Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2006.

RECHINELI, Andrea; PORTO, Eline; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpos deficientes, eficientes e diferentes:** uma visão a partir da educação física. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>

SOUZA, Pedro Américo de. *O Esporte na Paraplégica e Tetraplegia*. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, 1994.

TORRI *Educação do corpo: técnica e estética no esporte paralímpico* Florianópolis – SC
Abril de 2019

APENDICE 1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) atleta _____ a participar de forma voluntária de um projeto de pesquisa intitulado 'Corpo e Água: Um mergulho nas interações do corpo deficiente físico', orientado pelo Prof. André Luiz dos Santos Silva. Esse estudo tem por objetivo compreender os sentidos que são construídos a partir da relação da natação com o corpo deficiente. Sua participação se dará por meio de respostas a um questionário. A pesquisa não tem fins lucrativos e visa colaborar para o campo da Educação Física, mais especificamente na área do paradesporto.

O seu nome não será divulgado em nenhuma parte da pesquisa, o que garante o anonimato. Se depois de consentir a sua participação, e o atleta desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O pesquisador responsável poderá ser contatado pelos telefones (51) 983437728 ou (51)32265863 para qualquer dúvida ou problema a respeito da sua participação nesta pesquisa.

Uma via deste documento ficará com você e a outra ficará guardada com os pesquisadores desse projeto. Ambas as vias devem ser devidamente utilizadas tanto pelo pesquisador responsável quanto pelo participante.

Para participantes menores de idade, o responsável deverá assinar abaixo. Caso o atleta seja maior de idade, adicionar ao lado a data de nascimento do participante.

Eu, responsável legal pelo (a) atleta _____ consinto sua participação no projeto citado acima, após ter conhecimento do mesmo.

Assinatura do (a) responsável pelo (a) menor participante da pesquisa

Eu, atleta _____ nascido em ____/____/____ consinto em participar do projeto citado acima, após ter conhecimento do mesmo.

Assinatura do (a) atleta participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, _____ de _____ de 2021.

APENDICE 2 ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Eixo 1

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Com quantos anos começou a praticar natação e a quantos anos pratica?

Eixo 2

1. Como foi seu começo na modalidade? tinha alguma experiência com água? tinha algum medo?
1. Porque escolheu a natação e como ela influencia sua vida?
1. [Pra vc há diferenças entre o meio líquido e o meio terrestre?] Consegue me explicar como você percebe essas diferenças
1. Que sentimentos e sensações surgem quando se está na água?

Eixo 3

1. Observações do sujeito: